

Uma chama salvadora

Geraldo Medeiros Júnior¹

Resumo

O professor Reginaldo Souza Santos se notabilizou por seus escritos na área do conhecimento denominada por ele de Administração Política. No presente texto, em formato de depoimento, procura-se homenagear o professor, a partir das memórias do que ele significou na vida do autor. Trabalha-se aqui a importância enquanto autor reconhecido e também como amigo. O autor, criador de uma nova área da Administração, que mudou o curso dos estudos em vários momentos da profissional, incluindo a tese de doutorado do autor deste texto. Ideias como o conceito de Administração Política e a endogeneidade do Estado, foram e são importantes, norteadoras e transformadoras. O amigo, presente nas rodas de chopp, no papo franco, nas preocupações com o Brasil. Pode-se falar sobre a influência oriunda das diversas faces do professor Reginaldo. O presente texto procura relatar como a presença do professor Reginaldo Souza Santos veio a transformar os caminhos da vida profissional. Considera-se que a obra e os conselhos do professor representaram uma chama, revolucionária e salvadora, capaz de estimular e trazer novos caminhos a serem percorridos. Se por várias vezes ele chegou a salvar a vida do autor, um ano após a sua partida, ele continua unindo pessoas e acendendo a chama, da ciência, da indignação, da arte do encontro. A obra do professor Reginaldo Souza Santos é uma chama acesa. É uma obra inconclusa, que suscita entre seus colegas e admiradores desafios para a sua continuidade. Reginaldo Souza Santos vive.

Palavras-chave: Reginaldo Souza Santos; legado; administração política.

Introdução

Quando soube que o professor Reginaldo Souza Santos não estava mais conosco nesta existência, fiquei um tempo sem reação. Fazia exatamente dois meses que eu passara cerca de uma hora com ele ao telefone. Ele então me pediu para reescrever o meu discurso de abertura do III Encontro de Administração Política, em Campina Grande-PB, em 2012, que ficou conhecido como o “discurso do trem”, quando refiz a trajetória dos encontros até chegar a aquele momento. O discurso continuava sendo comentado,

¹ Professor Doutor da Universidade Estadual da Paraíba. Doutor em Planejamento Urbano pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre e Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Paraíba.

até já havia feito uma atualização do mesmo para uma edição especial da revista *Faroê*, a partir de uma provocação do próprio Reginaldo. Eu estava em um dos corredores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), *Campus* Natal-RN, e procurava um lugar para sentar e anotar os pedidos do professor. O papo foi bom, ele falou sobre a nova etapa do seu tratamento, continuava o mesmo, com o pé no presente, mas cheio de projetos.

Sempre escrevo que a música e a poesia me salvaram por várias vezes, especialmente, no período da solidão durante a pandemia da covid-19. Salvaram-me por trazerem acesas novamente a chama da vida. Devo aos versos e palavras de Vinícius de Moraes, Ferreira Gullar, Gabriel Garcia Márquez, Fernando Sabino, Luís Fernando Veríssimo, Ruy Castro e Ariano Suassuna, muito da leveza em que tento levar na vida. Mas também da música e letras de Chico Buarque, Raimundo Fagner, Paulinho da Viola e Fausto Nilo.

No plano profissional, entendo que autores e professores foram fundamentais. Se Keynes, Marx, Celso Furtado, Conceição Tavares, são autores norteadores, conheci mestres, além do meu pai, que foram muito importantes, dentre os quais destaco os professores Severino Machado e José Heleno Rotta. Mas apenas um foi ao mesmo tempo professor presente e autor referência: o professor Reginaldo Souza Santos.

Neste texto tento relatar as vezes em que ele de alguma forma, se não salvou a minha vida, trouxe uma chama salvadora. Era para mim incrível e confuso conviver com o autor, inspiração teórica de textos, aulas e da visão de mundo. O autor de palavras teóricas e práticas, profundas. Mas, ao mesmo tempo, ele estava ali, ao meu lado, no bar, tomando chopp comigo, falando sobre música, política economia e futebol.

Era incrível como ele não parava. Mesmo no bar, na leveza do papo, era um pensador do Brasil. Saía do espaço físico da universidade, mas o ambiente universitário, a preocupação com o país, a necessidade de transformações, a brasilidade, não saíam dele.

² O texto “Um trem para o desenvolvimento” possibilitou traçar um histórico dos diversos encontros de Administração Política, porém de forma poética e menos acadêmica.

Era muito do que eu tinha aprendido, era muito do Brasil que eu acreditava. Algumas coisas eu não entendia muito, precisava ler mais. Outras me inquietavam.

Em momentos em que no país tudo parecia desandar, eu via um Reginaldo com os pés no presente e cheios de planos para o futuro. Por pior que fossem as coisas, ele tinha a capacidade de ver o potencial deste país. Não a partir de fé ou otimismo vazio, mas a partir de análises que tinham por base coisas concretas. Era crítico da realidade, falava com raiva sobre as injustiças, sobre os descaminhos, mas não deixava de ter um brilho nos olhos quando se tratava de olhar pro horizonte.

O exercício que aqui fiz só foi possível porque, em primeiro lugar, conversei sobre o propósito deste trabalho com o professor Fábio Guedes Gomes. Ele me mandou o belíssimo artigo que fez contando a importância de Reginaldo em sua vida, em grandes decisões que tomou, nas coisas tão importantes que fez. Emocionado, escrevi para Fábio, parabenizando por tão belo texto. Pensei que tenho também coisas que poderiam ser contadas, porque só eu as posso contar. Tive desde então o apoio de Fábio.

Ao me lançar na tarefa, descobri que, passados mais de dez anos de muitos dos fatos, a memória foi me traindo. Foi providencial conversar com o amigo Renato Augusto da Silva Alves, aluno e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET)-Administração na época em que muita coisa aconteceu. Também pude contar com o debate, a leitura e a correção do texto feita por Aliceane de Almeida Veira, minha namorada. Assistente social, ela ouviu de mim várias das histórias vividas com os velhos amigos da Administração Política. Por fim, tive o privilégio de contar com a contribuição de Fábio, que fez considerações importantes e sugestões para a melhoria do texto. A eles, o meu sincero agradecimento.

2 A Administração Política chega em Campina Grande-PB

A primeira vez em que o professor Reginaldo Souza Santos apareceu para “salvar a minha vida” foi em abril de 2011. No final de 2010, consegui aprovar o projeto do PET-Administração da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), num grande edital do Ministério da Educação (MEC), que acabava por incluir uma cota especial para as

universidades estaduais. Findos os trâmites para registrar o grupo, eu tinha um grande problema: como possibilitar que o novo grupo PET pudesse contribuir com a formação do alunado do curso de Administração, trazendo presente a perspectiva crítica e a indignação social? Na minha avaliação, tais preocupações faziam parte do cotidiano do curso de Administração da Universidade onde trabalho. Como, portanto, provocar essas reflexões, sem que o PET fosse desvirtuado ou sofresse uma guinada para a economia política? Economista político que me considero, temia que eu viesse a transformar o novo PET numa filial do PET-Economia, de onde eu tinha sido bolsista na minha graduação, entre 1991 e 1995.

Em crise, conversei com amigos, em busca de ideias. Em um dado momento, fui parceiro em uma banca do professor José Bezerra de Araújo, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). O professor Bezerra é, para mim, uma grande referência, foi meu professor na graduação e no Mestrado em Economia. Acabamos nos encontrando em seguida, para desenvolvermos um trabalho em parceria. Na conversa, na casa dele, acabei por desabafar sobre as minhas inquietações relativas ao futuro do PET-Administração.

O professor me perguntou se eu já tinha ouvido falar em Reginaldo Souza Santos. Mediante a minha negativa, falou sobre o conceito e o movimento da Administração Política, o que estava acontecendo. Também, na época o professor Reginaldo estava lançando o livro *Keynes e a proposta da Administração Política para o capitalismo: uma crítica aos pressupostos da externalidade do Estado e da crise fiscal*. Imediatamente comprei a ideia de fazer o lançamento do livro em Campina Grande, numa promoção conjunta da UFCG com a UEPB.

Com a intermediação do professor Bezerra, desenvolvemos a ideia de um evento com dois convidados: Reginaldo Souza Santos e Fabio Guedes Gomes, intitulado “Economistas e Administradores e o desenvolvimento do Brasil”. Era um evento organizado por três grupos PETs: Administração e Economia, da UFCG e o nosso da UEPB. O professor Fábio Guedes Gomes era um já velho conhecido meu, natural de Campina Grande e colega desde os tempos do Colégio Integrado da Fundação

Universidade Regional do Nordeste (FURNE), onde fizemos grande parte do ensino fundamental juntos. Fábio fez graduação e mestrado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em Campina Grande e foi orientando do professor Reginaldo no doutorado em Administração na Universidade Federal da Bahia (UFBA). A curiosidade é que Reginaldo teve formação em administração, com doutorado em Economia. Fábio, formação em Economia, com doutorado em Administração.

Esse evento foi muito importante para mim. Pude ouvir dos dois o que eles pensavam. Quando fui ler o novo livro e os anteriores, as questões já estavam mais amaciadas, o que me fez mergulhar com mais ímpeto, levando a criar um grupo de estudos, no PET-Administração, para estudar a obra de Reginaldo. Fizemos um estudo sobre a obra *A Administração Política como campo do conhecimento*. Também foi importante o artigo “A administração política brasileira”, de autoria de Reginaldo com Elisabeth Matos Ribeiro.

No curso de administração da UEPB, passamos a vivenciar a perspectiva da Administração Política. Alguns professores e alunos começaram a se destacar, inclusive com publicações na própria REBAP e em eventos diversos. Cito as professoras Geuda Anazile, Luiza Dantas, Marluce Delfino e Vilza Maria Batista. Dentre os alunos recordo-me que Renato Augusto da Silva Alves conseguiu fazer leituras profundas sobre o tema. Também a aluna Luiza Morais se destacou.

O nosso evento foi em abril de 2011. Em junho iria acontecer o II Encontro de Administração Política, em Juazeiro do Norte, Ceará. Fomos convidados pelo professor Reginaldo. Logo percebi que precisava conhecer esse grupo. Articulei na Universidade um apoio para participar com os alunos dos eventos no interior cearense.

Fomos muito bem recebidos. Fui com cerca de seis alunos do PET-Administração da UEPB. Ficamos no mesmo hotel em que os professores participantes do evento se hospedaram. A Universidade Regional do Cariri (Urcar) colocou um transporte a nossa disposição. Na oportunidade conheci pessoas importantes para muito do que eu iria fazer em seguida, a exemplo de Elizabeth Matos Ribeiro, Murilo Philligret, Carlos Frederico, Elinaldo Leal Santos e Wesley Piau, dentre outros.

Desde o primeiro momento percebi que existia algo diferente naquele grupo. Os pesquisadores entendiam que havia muito o que ser feito. Num ambiente harmônico assisti à construção de uma agenda de elaboração de pesquisas e artigos, atividades, publicações. Era tudo muito novo, para eles e principalmente pra mim que chagava. O professor Reginaldo nos recebeu muito bem. Conversamos um pouco, mas naquele momento o nosso diálogo ficou muito ligado ao que se discutia no evento. No ano anterior, em 2010, tinha acontecido em Garanhuns, Pernambuco, o primeiro encontro dos pesquisadores da Administração Política. Discutia-se sobre o tema, mas também a necessidade de que não ficasse restrito apenas à comunidade acadêmica da Escola de Administração da UFBA. Era necessário que se articulasse com outras universidades. Já existiam importantes apoios e pesquisadores envolvidos no Ceará, Paraíba, Alagoas, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Saí de Juazeiro do Norte com livros para ler, artigos indicados, ideias que fervilhavam na cabeça. Se a economia nasceu como economia política, batismo dado por seu pai, Adam Smith, a administração era também, por sua natureza, política. Por ser política, não seria técnica, nem arte. Ou melhor, não seria confundida como mero exercício de fé, como alguns faziam acreditar, estando mais próxima da autoajuda, da crença, do pensamento positivo.

Ao final do evento se decidiria onde seria realizada sua próxima edição. A ideia defendida pelo professor Reginaldo, ao final do evento, era que os encontros percorressem o interior do país, conhecendo essas realidades melhor e levando debate de elevado nível para universidades localizadas por esses territórios, não seguindo o padrão tradicional de realizar eventos nas metrópoles ou litoral. Vinha-me na cabeça a música de Milton Nascimento, “Notícias do Brasil (os pássaros trazem)” (1981), onde se canta que “o Brasil não é só litoral”. No cartaz do primeiro evento existia um trem, que percorria o interior. Era, pra mim, o trem de João do Vale, que saía “comendo brasa, queimando lenha, tanto queimando quanto atrasando” (De Teresina..., 1997). Trem do interior. Trem que trazia o desenvolvimento.

3 O III Encontro de Administração Política

O município de Campina Grande é conhecido por suas universidades, de grande potencial tecnológico, mas perdida já há algum tempo entre o seu passado econômico de protagonista e uma atual estagnação, necessitava ser também palco destas discussões sobre a Administração Política. Como era uma área nascente, precisaria garantir as condições para que os professores pesquisadores pudessem ir para o evento.

Percebi que não deveria perder a oportunidade de trazer o evento para Campina. Afinal, se tudo começara em Garanhuns no estado de Pernambuco, sendo sucedido por Juazeiro do Norte no Ceará, seria providencial que a Paraíba também fosse incluída no roteiro. Fiz um rápido telefonema para a Reitora da UEPB, a professora Marlene Alves, e tive da parte dela toda a garantia para a realização do evento.

O resultado é que o meu projeto para o PET-Administração estava salvo. Além das ideias, saí de Juazeiro do Norte com uma grande responsabilidade: organizar junto com o professor Reginaldo Souza Santos e equipe, o III Encontro de Administração Política, a ser realizado no ano seguinte, em 2012.

Para organizar o evento, tive o apoio incondicional da administração da UEPB. Era um momento em que a Universidade dispunha de autonomia financeiro-administrativa, portanto haviam recursos disponíveis para a organização de um evento deste porte. Como não estava prevista a cobrança por inscrições, todos os custos do evento deveriam ser bancados pela UEPB e UFBA. Para o planejamento do evento, eu tinha ao meu lado o PET-Administração, composto por 12 alunos bolsistas. Colocamos em nosso planejamento estratégico a realização do evento, em junho de 2012, como a meta principal a ser atingida no primeiro semestre. Fizemos reuniões, dividimos tarefas, pensamos no antes, durante e depois do evento.

Também precisei ir uma vez a Salvador para conversar pessoalmente com o professor Reginaldo sobre o evento. Para mim, conhecer as instalações da Escola de Administração e ser recebido pelo seu diretor era um mundo novo que nascia. Conversamos, ele mostrou o que pensava para o evento, saí de lá com várias tarefas a cumprir, ele ouviu bem o que eu também tinha pensado. Tivemos uma reunião

relativamente rápida, mas importante para os próximos passos. Em seguida me reuni com a equipe técnica e fiquei muito amigo de Maria da Conceição Rosa Silva, Álem Rosa Silva, Anaélia Regina de Almeida Silva, técnicos-administrativos da Ufba, e o professor Carlos César de Almeida Federico.

O evento aconteceu em junho de 2012, durante a realização do Maior São João do Mundo, a maior festa de Campina Grande. Nesse mês os hotéis ficam lotados na cidade, a demanda por teatros e auditórios aumenta, porque as universidades também priorizam realizar seus eventos durante o período da festa. Tivemos uma certa dificuldade para fecharmos as reservas com os hotéis e também com um auditório viável, já que a UEPB não dispunha de um.

O encontro de mais de 30 pesquisadores do Brasil deu uma outra dimensão ao evento. Participaram estudantes dos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Jornalismo e Serviço Social. Conseguimos mobilizar o curso de Administração da UEPB. O evento se dividiu entre o prédio da Faculdade de Administração, no centro da cidade e o auditório da Fundação Suellen Caroline, no bairro do Catolé. Os professores ministraram minicursos, tivemos debates acalorados, além do encontro dos pesquisadores.

Na avaliação dos colegas pesquisadores, a edição de Campina Grande colocou o evento em outro patamar: não seria apenas para poucos pesquisadores, mas agora estavam envolvidos os alunos. Era necessário, portanto, abrir inscrições para trabalhos, de modo a estimular a produção de textos na área. A decisão tomada era de realizar a próxima edição do evento em Vitória da Conquista, na Bahia, sob a responsabilidade dos professores do curso de Administração, Elinaldo Santos e Weslei Piau.

Em seguida, passei a ver o professor Reginaldo com uma certa frequência. No mesmo ano, fui convidado para participar da solenidade de premiação do Prêmio João Ubaldo Ribeiro, com a presença do próprio. O evento aconteceu na Escola de Administração da UFBA. Tive a oportunidade de conhecer João Ubaldo. Conversei pouco com Reginaldo na ocasião.

Lembro-me que tivemos a oportunidade de jantar com o jornalista Mauro Santayana. Momento único, de boas risadas, mas de relato da história do Brasil, de momentos terríveis vivenciados durante a ditadura militar. Estava em companhia do meu amigo Renato Augusto que coloca este momento como um dos mais marcantes por ele vivenciados com o grupo da Administração Política.

Os encontros de Administração Política foram se sucedendo. Participei das edições de Vitória da Conquista, Juiz de Fora, Ilhéus e Salvador. Afastei-me por um período, em razão de compromissos com o meu curso de doutorado. Também fizemos em Campina Grande vários outros encontros de pesquisadores e lançamentos de livros. Tive a honra de receber novamente Reginaldo e Fábio por mais uma vez, além de Elisabeth Matos Ribeiro e Paulo Emílio Martins.

Sobre Paulo Emílio, uma passagem que merece ser relatada, tamanho era esse ambiente de proximidade e empatia no grupo da Administração Política. No evento de Vitória da Conquista ele foi, sem saber, sequestrado por um grupo comandado pelo professor Murilo Philligret, do qual eu era “cúmplice”. O grupo manteve o professor Paulo em um micro ônibus, estabelecendo como valor para o resgate a entrega de um violão. Instrumento este que só apareceu porque Renato Augusto convenceu uma das estudantes a buscá-lo em uma Igreja Batista que ficava nas proximidades.

4 Um momento de generosidade ímpar

Em 2016, um momento decisivo para mim. Escrevia a tese de doutorado abordando a gestão da saúde em Campina Grande, utilizando os estudos da Administração Política como uma importante referência. Chegou um momento em que eu não sabia mais para onde ir. Precisava de ajuda. O meu orientador, professor Carlos Brandão (UFRJ), me dizia que não poderia mais ajudar, por não ser um pesquisador da área da saúde. Conversei com algumas pessoas, tomei coragem e procurei o professor Reginaldo. Ele perguntou se eu poderia ir a Salvador. Marquei a data.

Esse foi um dos momentos de maior generosidade que testemunhei em minha vida. O professor estava a minha espera. Liberou totalmente a sua agenda apenas para

me receber. Numa das salas de aulas da Escola de Administração da UFBA, em companhia de Mônica Matos (também orientanda do professor Reginaldo) e de Elisabeth Matos Ribeiro, expus o que estava fazendo e falei dos gargalos que enfrentava naquele momento para conseguir avançar na escrita da tese. O professor Reginaldo me ouviu. Em seguida, fez considerações críticas sobre o que eu tinha falado. Levantou-se, foi ao quadro com giz, iniciou uma aula. Trouxe questões importantes a serem desenvolvidas na minha tese. Eu anotava tudo, compreendia a riqueza do momento. A professora Elisabeth contribuiu também e me chamou para ficar em Salvador, desenvolvendo a tese por lá. Talvez houvesse a possibilidade de ser liberado pelo meu Departamento para isto, mas tinha compromissos familiares, com a esposa e filhos, que me impediam de atender ao convite na época.

Retornei de Salvador com as grandes questões que deveriam ser investigadas. O ano de 2017 foi bem difícil no plano pessoal. Com as dicas de Reginaldo e Elisabeth, sabia o que deveria ser feito. Quando parei para escrever, o texto fluiu, relatei a Administração Política com o caso da gestão da saúde em Campina Grande, com um modelo de excesso de leitos hospitalares e escassez na atenção primária a saúde.

Em outubro daquele ano, mais precisamente no dia 11, quando é feriado do dia da cidade em Campina Grande, aconteceu a defesa da tese. Na banca, tive o privilégio de contar com as presenças de Reginaldo e Elisabeth, além do professor Heleno Rotta (UFPB), meu orientador no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação e na dissertação do mestrado. Além deles, estiveram Hipólita Siqueira (UFRJ), economista que foi tão importante no meu curso de doutoramento e Áquilas Mendes (USP), grande referência nos estudos sobre a economia política da saúde. Por fim, o meu orientador, o professor Carlos Brandão.

Na banca, eu esperava que as principais críticas viessem principalmente de Reginaldo e Elisabeth, pelos equívocos que eu certamente teria cometido ao utilizar as categorias da Administração Política. Tratar do tema com os “seus pais” era um grande desafio para mim. Para a minha surpresa eu tive da parte do professor Reginaldo uma explanação sobre os desafios da Administração Política da Saúde, uma nova aula, que

apontava para novos caminhos a serem seguidos após o término da tese. Ele sabia que ali não seria o fim da história, embora que, para quem termina uma tese, pareça ser. Eu saía daquela defesa certo das limitações do que tinha feito, mas com o olhar aberto para o futuro.

Terminada a defesa da tese, fomos para a comemoração, num bar em Copacabana. Mesa de economistas e administradores críticos. Eu não cabia de felicidade, tendo também a companhia, pelos poucos dias no Rio, de minha filha Ana Cecília.

Tive poucos momentos em companhia de Reginaldo nos bares. Poucos, porém, importantes. Recordo-me que no final do evento da Administração Política em Campina Grande, nos reunimos no Q Doca Bar para o almoço de confraternização. Terminado o almoço, na tarde de sábado, os boêmios foram se alongando mais. Ao invés de ficarmos em mesas diferentes, fizemos um grande círculo. Inspirados, foi lançado um desafio: cada um deveria falar sobre qual seria o maior livro de todos os tempos. Tremi, pensava comigo o tempo todo em *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Marquez. O primeiro a falar, o professor Paulo Emílio Martins, fez uma belíssima palestra sobre o livro *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. Mas levou cerca de uma hora em suas considerações. Pensei: nesse ritmo, sairemos do bar daqui a dois dias. Na segunda intervenção, da professora Lara, esposa de Murilo, também utilizou um bom tempo. Foi o suficiente para decretarmos findo o papo. Ficaria para um próximo encontro, num outro bar, a continuidade do debate.

5 Reginaldo na minha produção

Ler os artigos de Reginaldo sempre me levou a conflitos teóricos. Aprendi com um amigo espírita, ao falar sobre o conteúdo do “livro dos espíritos”, que não era preciso acreditar no que estava ali escrito. Precisava apenas ler e refletir. Com Reginaldo aconteceu e acontece algo parecido. Aquilo que desafia, que contraria o senso comum, não pode ser assimilado rapidamente.

Vi, no convívio diário com colegas do Departamento de Administração e Economia da UEPB, que muitos dos que leram Reginaldo acabaram por desistir de ler e

de pesquisar a respeito, porque se tratava de algo que desafiava o senso comum. Mais que isto, para poder duvidar das aparências, os textos de Reginaldo possuíam uma análise profunda a respeito dos autores da administração, que era mais densa que a maioria dos textos. Quem contraria o senso comum e chama para trabalhar, nem sempre é bem-vindo.

Avalio que por um lado consegui mobilizar estudantes e colegas, que estudaram e escreveram sobre a Administração Política. A partir da vinda de Reginaldo e de tantos outros pesquisadores, muitos TCCs, artigos e debates foram feitos, na UEPB e também na UFCG. Por outro lado, como tudo que é novo, também sofri uma boa dose de preconceito.

Como querer reconceituar a Administração? Como sair da ciência das Organizações para a construção da ciência que trata da Gestão? Tal reflexão não é por si fácil. Para mim foi salvadora, foi ela que me permitiu ver relações sociais na Administração. Para muitos, ela seria técnica, arte, ou talvez algo próximo da autoajuda, da fé. Tratar da ciência da gestão implica em que as variáveis da Administração Política provocam o tratamento de relações sociais, de dominação, de entender o jogo de interesses.

Como tratar de Keynes, como sendo um teórico mais da Administração do que da Economia? Como admitir que Keynes pensou mais no longo prazo do que no curto? O mesmo Keynes que escrevera que “no longo prazo estaremos todos mortos”. Apenas lendo a obra do autor, entendendo que muitos dos problemas econômicos têm soluções que passam pela gestão dos problemas, pela Administração Política do setor público. Coisas para dar um nó na mente, para trazer crise, para trazer chama para a vida.

Vindo daí, Reginaldo descobre que não há intervenção do Estado na economia, como sugerem alguns leitores de Keynes. Eu pensava: qual diferença entre ser exógeno ou endógeno? O que isso muda? Havia aprendido a falar, desde os meus tempos de estudante do curso de Economia, em intervenção. Não aceitei de pronto esta ideia. Reginaldo estava certo. Não há capitalismo sem consumidores, da mesma forma que não

existe capitalismo sem empresas privadas e Estado. O Estado é inerente ao capitalismo. Portanto, não há intervenção.

6 Considerações finais

Reginaldo chamou alguns pesquisadores para debaterem um de seus últimos textos, em que dizia que Administração Política é tudo. Detestei o título, aliás, continuo não gostando. Timidamente tentei sugerir outro. Ele, sempre humilde, mas firme, defendeu o título do seu artigo. Como um bom baiano, tal qual Caetano, que na música “Tudo de novo” dizia que deve se pedir licença, mas sem nunca deixar de entrar. Lição de vida de Caetano. Lição de Reginaldo. Administração política é tudo, ora bolas.

Ele tinha muito ainda o que fazer. Se cumpriu a contento a tarefa de fundar a área do conhecimento, de fazer sua conceituação e método, ainda há muito o que ser definido. Tarefa que com o tempo vai ficando para gerações vindouras.

Num tempo em que o pensamento crítico é desestimulado nas universidades, especialmente durante o desgoverno que houve no país desde o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. O ambiente universitário, que reflete o que acontece na própria sociedade, é cada vez espaço para o individualismo, os estudos quantitativos e preocupados com questões micro. Há o desestímulo não só ao pensamento crítico, mas também ao planejamento, ao olhar de longo prazo, ao entendimento do jogo de interesses que se esconde por traz do que precisa de gestão.

Fico pensando no que posso fazer. Vejo muitas janelas abertas, algumas provocadas no último telefonema que o professor Reginaldo me fez. Nele, me fortaleço entendendo que é preciso continuar o debate, mantendo viva a chama do pensamento crítico, da Administração Política.

Ele se foi. No sábado anterior a sua partida³, no dia 22 de outubro de 2022, eu tinha discutido o texto dele, que ainda se encontra inédito, com uma turma da

³ Ele partiu no dia 23 de outubro de 2022.

especialização, numa aula presencial em João Pessoa, Paraíba. Na segunda-feira tive aula novamente com a turma. Iniciei a aula falando que o professor tinha falecido.

Por várias vezes, na UEPB, ministrei a disciplina Tópicos Emergentes em Administração, colocando o foco em Administração Política. Em várias delas obtive gentilmente vídeos e áudios do professor, falando coisas e até tirando dúvidas dos alunos. Para mim era uma festa, estudar o autor e terminar a disciplina com a presença do mesmo. Fiz o mesmo com Fábio Guedes.

Agora não tem mais ele. Falo sempre em sala de aula que tive o orgulho de ter conhecido algumas personalidades, a exemplo de Luiz Gonzaga, Raimundo Fagner, João Ubaldo, Dom Helder Câmara. No caso de Luiz Gonzaga, João Ubaldo e de Helder Câmara, se trataram apenas de encontros esporádicos. Sempre falei em Reginaldo. No caso dele, não foi fortuito. Ele me salvou por várias vezes. Ele trouxe a chama por várias vezes. Ele foi e continua muito grande. Nas minhas aulas atuais, de Economia Brasileira, descubro que ele continua me salvando. Economia Política e Administração Política são fundamentais para entender a realidade. Ele vive. Ele viverá para sempre.

Referências

DE TERESINA a São Luís. Compositores: João do Vale e Helena Gonzaga. Intérprete: Dominginhos *et al.* In: DOMINGUINHOS e convidados cantam Luiz Gonzaga. Intérpretes: Raimundo Fagner e Dominginhos. [São Paulo]: Velas, 1997. 2 CDs, disco 2, faixa 19.

NOTÍCIAS do Brasil (os pássaros trazem). Compositores: Fernando Brant e Milton Nascimento. Intérprete: Milton Nascimento. In: CAÇADOR de mim. Intérprete: Milton Nascimento. Brasil: Ariola, 1981. 1 vinil, lado A, faixa 4 (1 min 53s).

RIBEIRO, João Ubaldo. Política e Administração. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 13, n. 38, p. 167-198, jul./set. 2006.

SANTOS, R. S. *A administração política como campo do conhecimento*. 2. ed. Salvador: FEAUFBA; São Paulo: Hucitec: Mandacaru, 2009.

SANTOS, R. S. *et al.* *Administração Política para o desenvolvimento do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2010.

SANTOS, R. S. *Keynes e a proposta da administração política para o capitalismo: uma crítica aos pressupostos da externalidade do Estado e da crise fiscal*. São Paulo: Hucitec, 2010.

SANTOS, R. S.; GOMES, F. G. *Ensaio de administração política: outro modo de interpretar o Brasil (caminhos para a construção do Projeto Nacional)*. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017.

SANTOS, R. S.; RIBEIRO, E. M. A administração política brasileira. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 102-135, out./dez. 1993.

TUDO de Novo. Compositores: Caetano Veloso. Intérprete: Maria Bethânia e Caetano Veloso. *In: MARIA Bethânia e Caetano Veloso ao vivo*. Intérprete: Maria Bethânia e Caetano Veloso. Brasil: Philips, 1978. 1 Vinil, Lado A, faixa 1.